

Ativo de Lemos Sette Câmara

O NOME NA SAGA
DAQUELAS
MARINHAGENS

Apontamentos sobre as origens da família
RODRIGUES SETTE E CÂMARA

1976

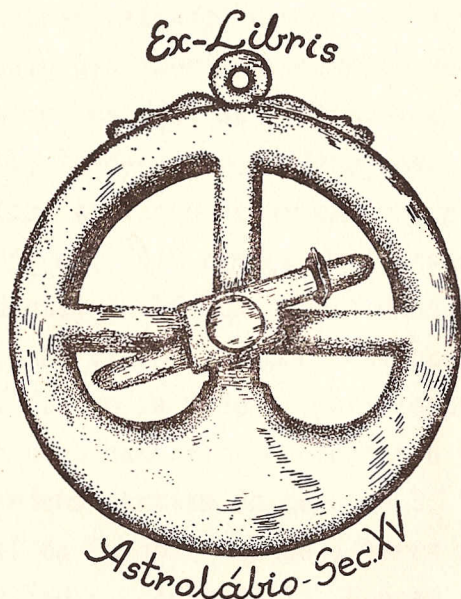
ALTIVO DE LEMOS SETTE CÂMARA

Do Instituto Brasileiro de Estudos Sociais.

Do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei.

O NOME NA SAGA DAQUELAS MARINHAGENS

(Apontamentos sobre as origens da família Rodrigues Sette e Câmara)



Ex-Libris de Altivo de Lemos Sette Câmara

1 9 7 6

PREÂMBULO: SAGRES, NAVEGAÇÕES, DESCOBRIMENTOS.

Era uma vez um menino de 6 anos, debruçado sobre o mapa da Europa, numa noite qualquer do ano de 1.400. Acabou por adormecer, devaneando que a península ibérica bem que parecia a cabeça do continente europeu, inclinada para o mar oceano, atenta, ã espreita, ã espera, olhando longe, rumo oeste e sul. Era o filho de D. João I, Henrique, seguindo imaginárias rotas, a partir de Portugal. Henrique, aquele "ramo claro do Rei que arrou primeiro o mar" (Lusíadas, canto VII).

Ora, poucos anos eram passados desde aquela noite, e já da cabisbaixa península ibérica, pobre de recursos naturais e escassamente povoada, os portugueses primeiro e depois os espanhóis, lançaram-se ao desconhecido mar tenebroso, o Atlântico, tentando achar caminho para as Índias. Os portugueses, já em 1.418 começaram a descer em caravelas a costa ocidental da África, com ordens de navegar sempre rumo sul, mas virando, sempre que oportuno, a proa das pesadas naus de grossa madeira para leste, o oriente, tentando atingir o sonhado fim, contornar o sul do afro continente. As ordens partiam do cabo de S. Vicente, o ponto mais ocidental da Europa, "donde a terra se acaba e o mar começa". (Lusíadas, canto VIII). E eram dadas pelo já então homem feito, sábio e puro, Henrique, D. Henrique o Navegador, o príncipe que fundara ali a Escola de Sagres, uma verdadeira Universidade náutica.

Começaram pois os mareantes lusos, induzidos e conduzidos pelo impetuoso gênio do seu príncipe imortal, a descer a costa africana, em 1.418, usando a embarcação mais

adequada, a caravela, de origem moura mas inteligentemente modificada pelos portugueses, "barco mais próprio para cos tear a África, graças ao aparelho latino, que permitia bar laventear no retorno difícil (....) e fizeram da caravela a embarcação ideal para aquela cabotagem", cf. Pedro Calmon, ""H. do Brasil". O primeiro doc. sobre a caravela data de 1.258.

2- Para marear usavam a bússula, conhecida desde o século VIII. Mas o astrolábio, precursor do sextante, só por volta de 1.480 foi introduzido em Portugal, por Martim Behain (da Bohemia) cosmógrafo alemão, sendo Rei o Grande D. João II. Utilizavam ainda as "tábuas de declinação" e o quadrante. Navegando de preferência à vista do litoral, durante o dia se orientavam pelos acidentes da costa, e à noite pelas estrelas.

3- Até 1.446 o Infante D. Henrique já havia financiado mais de 50 navios, viagens sempre rumo ao sul. Primeiro eram as costas áridas de regiões semidesérticas. Depois pitorescas paragens desconhecidas, virgens, reinos pagãos e ilhas paradisíacas. Tendo as terras do grande continente sempre a bombordo, grau a grau, degrau a degrau a costa ocidental da África vai sendo abordada, conhecida, cartografada. E os padrões, as cruzes de madeira e pedra são por ali abaixo fincadas nas praias, sempre mais ao sul.

4. Em 1.418, Bartolomeu Perestrelo, da casa do Infante D. Henrique, e que mais tarde teria uma filha casada com Cristóvão Colombo, descobre a ilha de Porto Santo. Ainda em 1.418 João Gonçalves Zarco (da "Camara"...) e Tristão Vaz Teixeira descobrem a Ilha da Madeira, distante de Lisboa

1.050 quilômetros. Adiante voltaremos com detença a esse nauta João Gonçalves Zarco (da "Camara") objeto deste pequeno trabalho.

5- Em 1.432 Velho Cabral aborda Santa Maria (Açores), já registradas pelos cartagineses em 320 A.C.

6- Em 1.434 Gil Eanes contorna e vai além do temível cabo Bojador, na costa noroeste do continente. "Nen plus Ultra". Segundo velhas fantasias dos mouros era ali o limite do mundo civilizado. Além ardia o inferno, era o fim do mundo, a escuridão do nada. Região lúgubre e perigosíssima, esplendidamente descrita por um biógrafo do aviador Jean Mermoz, que ali morreu, quando retornava de um vôo pioneiro à América do Sul.

Duas expedições exploram costa perto do Sahara e voltam trazendo nativos negros, que causam grande sensação na Europa. Outros chegam ao Senegal e Gâmbia (1.445). É em 1441 que o tráfico de escravos africanos toma um sentido regular, estritamente comercial. Os cativos eram repartidos entre o regente do reino, D. Pedro, e seu irmão D. Henrique, que recebia a quinta parte da presa (Zurara, "Crônica do descobrimento e conquista da Guiné.")

7- Caravelas de D. Henrique atingem o Cabo Verde (1.446), costa coberta de luxuriante vegetação. E a Serra Leoa é descoberta por Álvaro Fernandes, dali partindo uma expedição terrestre, de-a-pê, para conhecer o interior do país, tentando entender o patuã daquela buliçosa e alegre negra.

8- Às calorentas praias da Mina chegam Pedro de Escobar e João de Santarém. Já então mareantes e aventureiros de

terras diversas (Itália, Espanha, Índia), fazem parte das equipagens. Alguns comandam navios, muito provavelmente também Cristóvão Colombo, que já frequentava Portugal havia muitos anos. (Na mocidade andara vendendo mapas nas ruas de Lisboa). Ora, mareando sempre para o sul os navios derivam para sotavento.

9- Agora é uma grande frota que zarpa de Lisboa (1.481), comandada pelo que entra em cena, o grão Capitão Diogo Cão. Bordeja em frente da Costa do Ouro, atinge o cabo de Santa Maria (latitude 14 graus sul). Em 1.484, já navegante célebre, o mesmo Diogo Cão cruza a foz do caudaloso rio Zaire, ou Congo, reino por ele descoberto:

"Ali o mui grande reino está do Congo
por nós já convertido à fé de Cristo,
por onde o Zaire passa, claro e longo,
rio pelos antigos nunca visto". (Lusíadas, canto V.)

No ano seguinte novamente Diogo Cão abre o pano das velas triangulares e entrega a alma aos ventos do mar oceano. Tesconjuro! Cantando a marujada levanta as âncoras. É para, uma longa viagem. Dura além de ano e meio. Diogo Cão desceu mais 8 graus para o sul, ficando o marco onde ninguém acendera fogo antes. Não se fiando nas estragáveis cruces de madeira passou a usar cruces de pedra mármore. Em posições elevadas, ao longo da costa, atestavam a sua passagem e a posse do rei. Numa delas ainda pode ser lido, (está na Sociedade de Geografia de Lisboa), "6.685 anos haviam passado desde a criação do mundo,

1.485 anos desde o nascimento de Cristo, quando Sua Ilustríssima e Sereníssima Alteza, D. João de Portugal, mandou que fosse levantada esta cruz aqui, pelo seu defensor, o Cavaleiro Diogo Cão".

Pois navegou, marejou, o Grão Capitão Diogo Cão. Mas aquela marinhagem foi a sua derradeira. Foi repentina e misteriosamente interrompida ao cabo de 19 meses. Em qualquer ponto sinistro dela Diogo Cão soverteu-se, desapareceu, sem deixar rastro de pé no chão, espuma de onda no mar, eco de voz no vento. Num mapa de 1.489 vê-se um padrão com a legenda: "Et hic moritur". "Morreu aqui".

Mais de quatro séculos depois um avoante fantasma, com azas brancas de espuma e neblina, aparece voando raso à flor do Atlântico, derrota sul. E o nauta ressurgue nos versos de Fernando Pessoa, navegando sempre, e ainda, eternamente derrota sul:

"O esforço é vão e o homem é pequeno.

Eu, Diogo Cão, navegador, deixei
este padrão ao pé do areal moreno
e para diante naveguei"

10- Vamos chegando ao fim de quase um século de navegações à procura da rota para a Índia. A costa africana está acabando. Do castelo de proa da nau capitânea novo comandante avista a última cruz de mármore de Diogo Cão. É Bartolomeu Dias, navegante desde 1.486. Velejando com ventos de feição (1487) dobra o cabo Bojador, passa diante do largo estuário do rio Congo, chega ao ponto final de Diogo Cão, celebra o Natal a 26 graus de latitude sul. Esta-

mos em 1.488. Vai mais afastado da terra e "vira um ponto para bombordo sempre que passados alguns dias". E pouco depois lá vai ele, rumo ao oriente, já talvez a 200 milhas além do cabo das Tormentas, por ele descoberto em 1.486.

Manda mudar o rumo para o norte e, continuando livre a navegação, conhece que acabava de contornar o continente africano pelo sul e lá ia a caminho das Índias. Mas a tripulação, afatigada de tamanhas mareanças se amotina. É forçado a voltar. De torna viagem avista de novo o Tormentório cabo, das Tormentas por ele descoberto e nomeado, nome que D. João II mudou para cabo da Boa Esperança. Anos depois, quando Vasco da Gama inaugura o caminho das Índias, Bartolomeu é o conservador daquela esquadra. Descoberto o Brasil, o fabuloso Bartolomeu Dias é o comandante de uma das caravelas de Cabral. Mas no retorno naufraga ali mesmo, naquele fim de mundo africano, num "maelstron". Sua bela nau roda sem rumo nem leme, esfarrapadas as muitas velas, partidos os mastros, buracos nos cascos. Redemoinha e afunda à vista do cabo das Tormentas; por ele descoberto, nomeado, e sempre ameaçador:

"Aqui espero tomar, se não me engano,
de quem me descobriu suma vingança..." (Lusíadas)

Aqui deixamos a fabulosa aventura das navegações, descobrimentos de terras, ilhas e mares, pelos lusos no século XV, resumida nesta passagem dos Lusíadas:

"Assi fomos abrindo aqueles mares

que geração alguma não abriu,
as novas ilhas vendo e os novos ares
que o generoso Henrique descobriu"

E nos despedimos para sempre do Capitão Bartolomeu Dias,
cujo epitáfio, centenas de anos já passados, foi escrito
pelo gênio de Fernando Pessoa, que ergueu no pergaminho
este monumento de palavras:

"Jaz aqui, na pequena praia extrema
o Capitão do Fim. Dobrado o Assombro
o mar é o mesmo: já ninguém o tema!
Atlas, mostra alto o mundo no seu hombro."

"SETTE", NOME DE FAMÍLIA

A primeira aventura dos lusos fora do continente foi o assalto, conquista e saque de Ceuta, em Marrocos, África (1.415). O resultado do saque deu ao Infante D. Henrique os recursos para fundar a Escola de Sagres, armar caravelas e entregá-las aos ventos do mar oceano. O historiador português, Joaquim Ferreira, em "História de Portugal" (Porto, 1.951), referindo-se ao princípio dos descobrimentos escreve: "O Infante D. Henrique devotou-se com apaixonada alma a deslindar os segredos do Oceano. Fixou residência no promontório de Sagres, cercado-se de alguns homens igualmente seduzidos pelas miragens da aventura. Estudou os livros, ouviu os entendidos, armou veleiros. Esta perseverança teve bom êxito. João Gonçalves Zarco (da "Câmara"...) e Tristão Vaz Teixeira, em 1.418, ao tentarem transpor o cabo Não, sito no litoral africano, a ventania arrastou-os para o mar largo e eles tocaram numa terra desconhecida. Foi a ilha chamada de Porto Santo. No estio imediato, em 1419, alcançaram a ilha da Madeira. A colonização encetou-se logo. (O grifo é meu). Ora, falamos em "Ceuta". Para que não falar agora, depois de Ceuta em Septem, Ceita, Septe, Sette, grafia usual entre os antigos? A um parente devo o magistral estudo a seguir transcrito e titulado "Sette, nome de Família". É o seguinte:

I "SETTE - nome de família"

"Era tradição entre os nossos antepassados que o nome "Sette" provinha de Ceuta, o que, à primeira vista, se

tornava difícil de explicar. Procurando fazer indagações a respeito dessa origem, cheguei à conclusão de que Ceuta e "Sette" têm, de fato, o mesmo étimo. Ceuta era denominada pelos romanos, no Baixo Império, - Septem Frates - por causa de sete montes iguais em altura, existentes no lugar: "montes (....) quase de indústria in ordinem expositi ob numerum Septem ob similitudinem Frates noncupantur". (Pomponio Mela)

Em mais de um passo dos Lusíadas se encontram referências a Ceita e outeiros: Canto IV - estr.34 - 37: "Os montes Sete Irmãos atroa e abala" et passim.

Errata: Depois da expressão "et passim", na linha 11 desta página, leia-se a frase omitida seguinte: "De Septem proveio a corruptela arábica Cepta, desta por abrandamento Cepta, donde por vocalização Ceita e Ceuta". Segue-se o texto como está.

Sette a Gonçalves Câmara) "por patrióticos feitos valerosos", na conquista da cidade aos árabes, em 1.415

NOTAS: - 1º) A grafia de Ceuta com "C" justifica-se porque não existe "s" no alfabeto arábico, conforme se vê da seguinte nota que se me deparou in Eurico - Alex. Herc. 22º ed. - e de autoria de David Lopes: "O português fez e faz ainda diferença entre "s" e "ç" (cedilhado): aquele ("s") corresponde em árabe - "x" - de modo que em árabe não existe propriamente aquele som e, transcrevendo nomes dessa origem, não podemos fazê-lo com "s", mas com "ç" (inicial e medial); "z" final de palavra ou sílaba: açude, açucena. Escrevemos contudo, Sudane, Saragoça, Sa-

fim (mas Ceuta), em contrário da grafia dos clássicos, por nós hoje não admitirmos vocábulos que principiem por çã, ço, çu".

29) Outros querem que a palavra Ceuta provenha de septum - cerrado. Diz o geógrafo árabe Edrisê: "... Quant au nom de Sebta, il lui fut donné, parce qu'en effet elle est bâtie sur une presqu'île, close par la mer de toutes parts, expté du côté du couchant" (F.T.D. loc. cit.)

Herculano (in Eurico) emprega a denominação "Septum" quando se refere a Ceuta.

30) O nome "Sette" com "tt" já resistiu à simplificação na própria grafia usual ou mixta, onde o algarismo passou a ser escrito "sete". Por mim, continuarão resistindo, embora seja eu partidário da simplificação, menos quando importa a desfiguração dos nomes personativos."

III. ORIGEM DO NOME CÂMARA. DESCOBRIMENTO DA MADEIRA.
GUERRAS NA ÁFRICA. NAVEGAÇÕES, TRABALHOS, VIDA E
MORTE DE JOÃO GONÇALVES DA CÂMARA.

Em "Velhos Troncos Mineiros" (Ed. Empresa Gráfica dos Tribunais, S.P.), no capítulo referente à família Rodrigues Sette Câmara, registrou o genealogista mineiro, Cônego Raimundo Otávio da Trindade, Diretor do Museu da Inconfidência de Ouro Preto e Diretor do Arquivo Diocesano de Mariana, já falecido: "O cognome Camara teve origem num episódio do descobrimento da ilha da Madeira. Da baía a que aportara e a que por se lhe deparar ali uma ninhada de lobos marinhos, dera a denominação de "Camara dos lobos", lhe veio, a Gonçalves Zarco, por denominação do Infante D. Henrique aquele nome. Gonçalves Zarco passou a chamar-se João Gonçalves Zarco da Camara" Nossa família, entretanto, desde os primeiros tempos não assina Zarco, mas Câmara somente (Ver em João de Barros adiante transcrito.) Pinheiro Chagas, historiador português, em História de Portugal, pág. 116: "Conhecida essa nova ilha voltaram os navegadores a Portugal, trazendo as notícias maravilhosas do que tinham visto. Rejubilaram-se imensamente o Rei D. João I e o Infante D. Henrique". "Seguiram-se as alviças aos navegantes. "El-Rei, diz Antônio Cordeiro, tomou por fidalgo da sua casa o descobridor João Gonçalves Zarco e lhe confirmou o apelido (nome) de João Gonçalves da Câmara e lhe deu por armas um escudo em campo verde"etc. Continua: "Passando adiante encontraram uma grande lapa, toda povoada de lobos marinhos, que foi para os nossos na

vegadores divertida caçada. Mataram muitos e deram ao sítio o nome de Câmara dos lobos, donde João Gonçalves Zarco tomou o nome que nos seus descendentes se perpetuou, de Câmara" (Estes e demais grifos são meus). Continua: "El-Rei tomou por fidalgo da sua casa o descobridor João Gonçalves da Câmara e lhe deu por armas um escudo em campo verde", etc. (adiante descrito.)

1.418! Estã em Cesar Cantu, história Universal, vol.XII: "Com o ano de 1418 é que começa a história certa das viagens promovidas pelo Infante. Neste ano saíram de Lagos, João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira, com ordem de se adiantarem para além do cabo Não. Mas não puderam cumprir as instruções. O vento arrojou-os para longe da costa, andaram alguns dias perdidos, e afinal arribaram a uma ilha despovoada, que era a de Porto Santo. Trouxeram a Portugal a notícia deste achado, e logo depois voltaram à ilha com Bartolomeu Perestrelo, creado do Infante, acompanhado por alguns portugueses que se ofereceram para a colonizar. A este descobrimento seguiu-se de perto o da Madeira (....)

"Os navegadores portugueses encontraram esta ilha desocupada em 1.418, e tomaram posse dela em nome do seu Rei. Este não foi ingrato para com quem engastou na coroa portuguesa joias de tão subido preço: dividiu a Madeira em duas capitâneas, a do Funchal e a de Machico, e outorgou a primeira a João Gonçalves Zarco e a segunda a Tristão Vaz Teixeira. Os donatários trataram logo de explorar e colonizar os seus novos domínios..." (op.cit.pág.105)

"Ao mesmo tempo que Gonçalves Zarco, velho Cabral e outros velejavam para o Ocidente, outros navegadores também mandados por D. Henrique, iam, pois, devassar os mares e explorar as terras do sul (...) e foram estes os primeiros que dobraram o cabo Não" (Op,cit.)

O episódio do descobrimento ora segue transcrito na deliciosa linguagem de João de Barros: "... do tempo que Ioam Gonçalves sayo em terra, era ella tam cuberta de espesso e forte aruoredado, que nam auia outro lugar mais descoberto que hua grande lapa: ao modo que camara abobadada que se fazia debaixo de hua terra soberba sobre o mar. O chão da qual estaua muy souado dos pês dos lobos marinhos que aly vinham retouçar: "ao qual lugar foy a primeira entrada da sua povoaçam. O qual apelido (sobrenome) ficou a todos seus herdeiros e alguns se chamam de Camara somente! Entre estes, sem a menor sombra de dūvida, estão os que, desde o meado do sec. XVIII vieram para o Brasil, onde o sobrenome Zarco não aparece em ninguém da família, que resultou, como é sabido, da união dos Rodrigues Sette com os Camara. Escrevendo na imprensa pernambucana sobre os ancestrais da família o escritor pernambucano Mario Rodrigues Sette, já falecido, depois de confirmar que mantivera correspondência epistolar com meu pai, Sebastião Rodrigues Sette e Camara, o terceiro no Brasil com este nome por inteiro, esclarece: "Por ocasião da guerra contra o jugo espanhol (1.640) um dos ancestrais da família armou e municiou a sua custa uma Companhia de soldados, com a qual concorreu para este feito patriótico. Em consequência deste sacrifício a familia arruinou-se:

de 1.750 a 1.800 emigraram para o Brasil tres irmãos, re-
presentantes da familia, permanecendo na metropole a morga
da. Dos irmãos imigrados (salvo engano todos os tres mili-
tares de patente) um estabeleceu-se em Pernambuco, outro
em S. Paulo e o terceiro, Sebastião Rodrigues Sette e Ca-
mara veio residir em Mariana, Minas Gerais. Este último a-
vô do que me escreveu, (meu pai S.R.S.e C.), teve carta de
nobreza," etc. (Transcrito de artigo de Mario Rodrigues
Sette, em jornal do Recife).

Tenho o original da Carta de Nobreza com o respectivo bra-
zão em cores, doc. transcrito na Íntegra em pequeno estudo
biográfico sobre meu pai, publicado na Revista vol. I, do
IHG de S. João del Rei (1973.)

Ainda sobre o sobrenome Camara e vida e morte do primeiro
Capitão Donatário da Madeira, escreve o madeirense, jesui-
ta Antonio Cordeiro, em História Insulana, vol. 1, pág.
101: "Mais adiante viram entrar no mar huma grande ribeira,
a qual querendo passar a vão huns mancebos de Lagos, d'el-
la forão tão arrebatados que se lhes não acudira o batel,
perigarião n'ela e por isso lhe chamaram a ribeira dos A-
corridos e passando-a virão duas pontas, que da ilha en-
travão no mar, e entre ellas huma grande lapa, ou camera
de pedra, e rocha viva, onde entrando os bateis, tantos lo-
bos marinhos virão nella que lhe chamaram "Camara dos lo-
bos" e se recrearam matando muitos; e o Capitão João Gon-
calves Zarco daqui tomou chamar-se João Gonçalves da Câma-
ra, como abaixo veremos.

.....

"Voltando logo em o outro dia para Portugal, e chegados a Lisboa com taes novas e sinaes da nova Ilha, tanto o festejarão os Serenissimos Senhores Rei, e o nosso Infante, pai, e filho, que mandarão fazer logo procissões publicas e acção de graças a Deos, deram nome ã nova terra de Ilha da Madeira, pela muita de que estava cuberta; e el-Rei tomou por fidalgo da sua casa ao descobridor João Gonçalves e lhe deu por armas hum escudo em campo verde, e nelle huma torre de homenagem e huma cruz de ouro, e dous lobos marinhos encostados ã torre com paquife, e folhagens vermelhas e verdes, e por timbre outro lobo marinho, assentado em cima do paquife; e demais lhe fez el-Rei mercê de Capitão Donatario da jurisdição do Funchal, jurisdição da metade da dita Ilha, e de juro, e herdade para elle, e seus successores: e assim este ditoso Capitão ficou sendo o Chefe, e primeiro tronco das illustres familias dos Camaras, tão extendidas e augmentadas como adiante veremos.

.....

Jã antes das aventuras marítimas e guerreiras vamos encontrar esse primeiro Câmara, generosamente servindo ao seu país. Registra a "Enciclopédia Brasileira Mérito": "João Gonçalves da Camara. Navegador portugues do seculo XV. Comandou algumas vezes as caravelas que guardavam as costas do Algarves. E quando o Infante D. Henrique empreendeu suas explorações maritimas, foi um dos primeiros a oferecer-lhe seus serviços. Em 1.418 foi-lhe confiado, juntamente com Tristão Vaz Teixeira, um barco, a fim de procurarem terras desconhecidas e ilhas indicadas nos mapas (....) Depois de alguns dias de viagem chegou ã ilha que denominou

Porto Santo, regressando logo a Portugal, a fim de dar conta da expedição. Empreendendo uma segunda viagem, juntamente com Bartolomeu Perestrelo, descobriu a Ilha da Madeira (...) em 1 de junho de 1.420 (?). Deram ao local o nome de S. Lourenço, tirado do navio que os conduzia. Navegaram a seguir ao redor da ilha, dando nome aos acidentes da costa. Nomearam a baía do Funchal, primeira da ilha, e a Câmara dos lobos. Ao regressarem, a ilha foi dividida em capitânias por D. Henrique, sendo doada a de Funchal a Zarco. Este se casou com Constança Rodrigues de Almeida, partindo depois para tomar posse do legado, em cuja colonização empregou grandes esforços. Posteriormente acompanhou o Infante D. Henrique ao cerco de Tanger (1.437) onde foi armado Cavaleiro, conseguindo salvar a vida na desastrosa expedição. Regressou à Madeira onde, aproveitando as ricas matas do litoral mandou construir algumas caravelas com que auxiliava D. Henrique em suas viagens para além do cabo Bojador. Morreu na metade do século XV no Funchal". O Zarco, João Gonçalves da Câmara, foi casado com Constança Rodrigues de Almeida, filha de Rodrigo Annes de Sã. Seus filhos, menores ainda, foram morar na Madeira, em 1.420. Quanto às filhas, ao se tornarem moças, no tempo de se casarem, o pai pediu ao Rei quatro fidalgos "homens conforme à sua qualidade", para maridos delas. Ao que o Rei Afonso V respondeu dizendo: "eis aĩ vos mando quatro fidalgos para casardes vossas filhas" (Eduardo Nunes Pereira "Ilhas de Zarco".)

Traslado para o português corrente, de Antônio Cordeiro, "Historia Insulana": Casadas pois as filhas deste grande

Capitão e primeiro do Funchal, ele se aplicou todo a fazer povoações e repartir as terras da sua capitania, dando-as de sesmaria, para se cultivarem conforme as ordens del-Rei e do nosso Infante e conforme ao officio de Donatário. E viu ainda tantos anos e chegou a tal velhice, que por homens seus criados se fazia levar e pôr ao sol; e com ânimo ainda de tão grande cavaleiro, que havendo então guerras entre Portugal e Castela, e vindo varios navios castelhanos para destruir a Ilha, ele se mandava armar, e pôr a cavallo, e capitaneava sua gente, de sorte que observando-o do mar os inimigos, nem o pẽ ousaram pôr em terra. E tendo assim governado a capitania do Funchal por mais de 40 anos, morreu não menos catolico e bom cristão do que tinha sido grande cavaleiro e jaz sepultado na capela mor de Nossa Senhora da Conceição, que ele mesmo tinha mandado fazer para seu jazigo e dos mais seus descendentes."

Não muito distante do seu tumulo está a Capela de Santa Catarina, a mais antiga de toda a Ilha da Madeira (se.XV), situada proximo da Avenida do Infante e que foi fundada pela sua mulher, Constança Rodrigues de Almeida.

Para encerrar estas breves referências à família do primeiro Câmara, e, ao mesmo tempo, a parte principal deste sumário relato, transcrevo da "Historia Insulana" (1.717), do jesuita Antonio Cordeiro:

"A primeira Capitoa Constança Rodrigues de Almeida, como pessoa de grande virtude e muito devota, fundou, nas casas que seu marido o primeiro Capitão João Gonçalves Zarco da Camara levantou para si, huma Igreja à gloriosa Virgem e Martyr Santa Catarina e junto a esta Igreja muitas outras

casas para viverem pobres marceiras, que servissem à dita Igreja de Santa Catarina, e lhes deixou esmola competente a seu sustento."



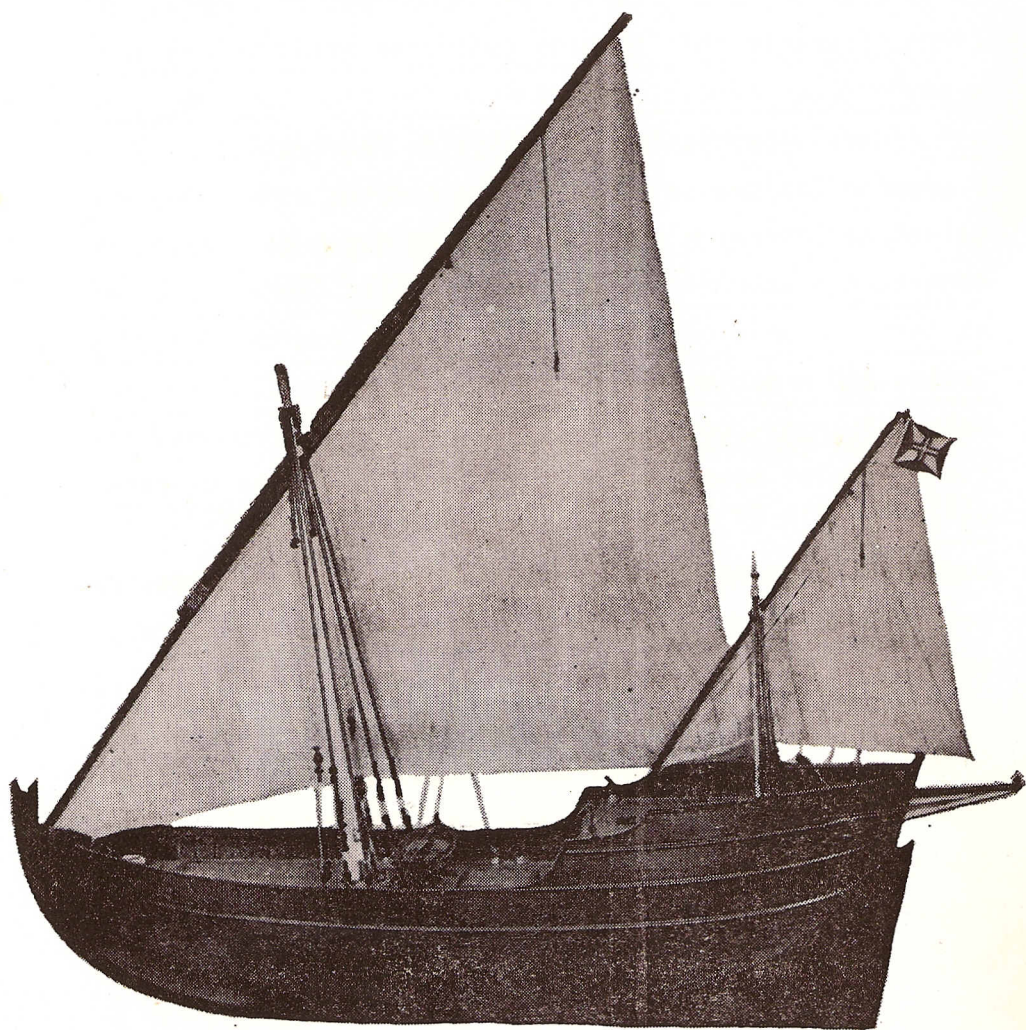
João Gonçalves da Câmara, o Zarco. Funchal. Ilha da Madeira.
Estatua de bronze, autoria de Francisco Franco,
escultor português moderno.

ANEXO DIVERSOS

- I - 200 anos no governo da Madeira.
- II - Uma tragédia no Atlântico.
- III - Início da atuação de D. Henrique. Sua morte.
- IV - Por que "Zarco"? Presença na poesia e teatro.
Selo comemorativo.
- V - Zarco e o cabo "Não".
- VI - Escudo de armas de João Gonçalves da Câmara(1.418)
e Carta de Brazão de Armas e escudo de Sebastião
Rodrigues Sette Câmara (1.807) Mariana.

ANEXO DIVERSOS

- I - 200 anos no governo da Madeira.
- II - Uma tragédia no Atlântico.
- III - Início da atuação de D. Henrique. Sua morte.
- IV - Por que "Zarco"? Presença na poesia e teatro.
Selo comemorativo.
- V - Zarco e o cabo "Não".
- VI - Escudo de armas de João Gonçalves da Câmara(1.418)
e Carta de Brazão de Armas e escudo de Sebastião
Rodrigues Sette Câmara (1.807) Mariana.



Caravela dos primeiros anos de navegações pela costa
ocidental da África, a partir de 1.418.

I - 200 ANOS DE GOVERNO NA MADEIRA

Morto o primeiro donatário João Gonçalves da Câmara, o Zarco, "durante dois séculos estiveram estas ilhas sob o governo dos imediatos herdeiros dos Capitães donatários" (Acurcio Garcia Torres, /Ilha da Madeira".)

O segundo Capitão do Funchal teve o mesmo nome, João Gonçalves da Câmara. A partir deste, ao que tudo indica, de sapareceu o sobrenome "Zarco" na família Câmara, que mais tarde se uniu por laços de casamento com os Rodrigues Sette, e é a que veio para o Brasil, entre 1.750 e 1.800. João de Barros confirma: "O qual apelido (sobrenome) ficou a todos os seus herdeiros e alguns se chamam de Câmara somente".

Consta a seu respeito, no "Livro segunda das saudades da terra", de Gaspar Frutuoso: "João Gonçalves da Camara trazia no seu escritório o descobrimento da Madeira(...) e sendo pedida informação(...) ao reverendo Conego da Sê do Funchal, Jeronimo Dias Leite, tendo-o ele visto em poder do dito Capitão João Gonçalves da Camara lho mandou pedir a Lisboa, onde então estava, e ele o mandou trasladar(...) e lho mandou escrito em 3 folhas de papel." "Quando este pedido foi feito, anteriormente a 1.579, ainda João Gonçalves da Camara (o segundo) não era Capitão do Funchal, sendo-o, embora já doente, Simão Gonçalves da Camara, sô falecido em 1.580, a 4 de março." Simão Gonçalves da Camara foi o 5º Capitão donatário do Funchal e 3º neto de João Gonçalves da Câmara, o Zarco. Ainda a propósito deste segundo João Gonçalves da Câmara,

encontramos no "Dicionario Lello Universal". "Câmara. João Gonçalves da Câmara, fidalgo portuguez que se tornou celebre pelo esplendor com que acompanhou o duque de Bragança, D. Jayme, na sua expedição a Azamor (1.513). Armou à sua custa 20 navios em que embarcaram 600 infantes e 200 cavaleiros". Azamor, praça na costa do Marrocos, foi conquistada em 1.513 por D. Jayme, duque de Bragança. E abandonada em 1.542, por falta de recursos, quando o imperio portuguez entrava definitivamente em decadência e desagregação.

Mesmo no século passado podemos encontrar um Câmara no governo do Funchal: "João da Câmara Leme Homem de Vasconcelos, doutor em medicina pela Faculdade de Montpellier, atual governador do Funchal, é um cavaleiro altamente instruido(....) É dedicado, zeloso do bem público, empreendedor e duma probidade imaculada. (Acursio Garcia Ramos, "Ilha da Madeira") et passim.

Quanto ao nauta e guerreiro do século XV a posteridade não esqueceu o generoso e viril antepassado, do tempo daquela fabulosa gesta marítima. A escultura de João Gonçalves da Câmara, o Zarco, em bronze, monumental, localizada no Jardim da Esplanada, no Terreiro da Luta, trabalhada com genial realismo pelo maior escultor moderno português, Francisco Franco, mostra o legendário varão, um nobre exemplar de prohomem de século XV.

II. UMA TRAGÉDIA NO ATLÂNTICO

"Genealogia da Zona do Carmo" retro cit., transcreve o doc. de batismo do segundo Sebastião Rodrigues Sette e Câmara (o terceiro foi meu pai), nascido nas Minas Gerais.

O doc. consta do "Livro de bapuzados do curato de Mariana (1.795), fls. 469 verso"

Este Sebastião formou-se em Leis pela Universidade de Coimbra, aprovado "nemine discrepante": "O Doutor José Pedro da Costa Ribeiro Teixeira, Freire da Ordem de São Bento d'Aviz, Conego Doutral da Sē Metropolitana d'Evora, Lente de Prima Jubilado e Decano da Faculdade de Leis, Vi ce-Reitor da Universidade de Coimbra, etc. Faço saber que Sebastião da Camara Rodrigues Sette, filho de Sebastião da Camara Rodrigues Sette, natural de Mariana, Provincia de Minas Gerais, havendo conseguido o Grão de Bacharel na Faculdade de Leis, como mostrarã por sua Carta(.....) a sua formatura em 20 de Junho de 1823; (.....) foi aprovado NEMINE DISCREPANTE, como consta do Assento, que disso se fez no Livro dos Exames (.....) pōde usar de suas Letras livremente em qualquer parte, The Mandei passar a presente por Mim assignada (.....) Dada em Coimbra aos 27 de Junho de mil oitocentos e vinte tres. Eu..... etc."

Ao retornar ao Brasil este Sebastião morreu no naufrãgio do navio, conforme consta de "Estudantes brasileiros na Universidade de Coimbra", de F. Moraes, citado em "Velhos Troncos Mineiros". Tenho o original do doc.

III. INÍCIO DA ATUAÇÃO DO INFANTE D. HENRIQUE, NAS NAVEGA-

ÇÕES. SUA MORTE.

"D. Henrique. Infante de Portugal, n. no Porto em 4.3. 1.394; morreu na Vila do Infante, hoje Sagres, em 13.11. 1.460. Quinto filho de D. João I de Portugal. Acompanhou seu pai na expedição de Ceuta (1.415), participando ativamente dos combates; tomada a praça foi armado Cavaleiro (....) Em 1.416 fundou (....) a Vila do Infante, onde estabeleceu uma escola náutica (Sagres), estaleiros e arsenais, planejando a realização de um vasto esquema de descobrimentos marítimos que culminaria com as descobertas portuguesas no sec. XV (....) Sucederam-se as realizações no mar; em 1.418 Bartolomeu Perestrelo descobriu a Ilha de Porto Santo, (marinhagem de que participou também João Gonçalves Zarco); em 1.419 João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira chegaram à Ilha da Madeira; ("De "Enciclopédia Brasileira Mérito")

IV. POR QUE ZARCO? PRESENÇA NA POESIA E NO TEATRO.

SELO COMEMORATIVO.

Em "Historia dos Descobrimentos Portugueses", de Damião Peres, Prof. da U. de Coimbra, há esta nota: "O termo Zarco significa vesgo (....) A alcunha tornada depois apelido (sobrenome) originou-se no fato de ter João Gonçalves perdido um dos olhos no combate de Tanger, em 1.437, quando colaborou nesse malogrado empreendimento. (Cf. Dias Leite.)"

Escrito na Madeira há um poema épico, do pre-romântico Francisco de Paula Medina e Vasconcelos, natural do Fun-

chal (1.768-1.824), poema esse intitulado "Zargueida", publicado em 1.806, composto nos moldes camoneanos (....) e destinado a exaltar João Gonçalves Zargo(ou Zarco)."

(Em "Dicionario da Literatura Portuguesa, Brasileira e Galega" - Livraria Figueirinha, Porto)

Jã Jaime Cortezão, em "O Infante de Sagres", drama épico (1916), põe nos lábios do Capitão o relato deslumbrado do achamento da Madeira:

"As aves, meu Senhor, que hã em grande avondança
deixam-se colher ã mão. E quanto o olhar alcança
ẽ floresta cerrada e agua correndo ã farta"

A efigie de Zarco foi também impressa pelos Correios de Portugal, por ocasião de celebrações da passagem de fato histórico muito importante.

V. ZARCO E O CABO "NÃO".

"No ano de 1.418 dois cavalleiros da Casa do Infante D. Henrique ofereceram-se para irem tambem nas expedições empreendidas às costas africanas. Chamavam-se elles João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira. O Infante mandou-lhes preparar um barco, e enviou-os com instruções d'irem ao longo da costa africana, para alem do cabo "Não", até onde o permitissem as vagas. Mas uma tempestade arrojou-os para longe da costa e fel-os andar perdidos no alto mar até que (....) arriberam a uma ilha, etc." M. Pinheiro Chagas, "Historia de Portugal"

"Não" ẽ cabo do litoral do Marrocos, fronteiro ao arquipélago das Canarias.

Na época do início das grandes navegações, inspirava terror aos marinheiros, pois acreditava-se que pouco adiante o mundo acabasse e as águas do oceano desponcassem no espaço. Era mesmo corrente entre marítimos o provérbio: "Quem passar o cabo "Nã", voltará ou não." "Os primeiros portugueses a dobrá-lo foram os cavaleiros da Casa do Infante D. Henrique: João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira, que enfrentaram a seguir difícil situação devido a uma tempestade. Em algumas cartas aparece com o nome "Num".

VI. CARTA DE BRAZÃO DE ARMAS DE SEBASTIÃO RODRIGUES SETTE CAMARA, O PRIMEIRO DESTE NOME, MARIANA, 1807.

"As armas são sinais visíveis e representações exteriores da Nobreza, adquirida pela propria virtude ou pela dos seus ancestrais. São seu selo e mais autêntico carater, pois os braços não passam de símbolos condensados, linguagem hieroglífica a designar feitos de armas ou as outras virtuosas ações dos que foram dignos de usá-la e transmiti-la aos descendentes, para serem incitados por essa figuração mística, sempre aos seus olhos presente, a se tornarem tão dignos herdeiros das suas virtudes como o são dos seus illustres simbolos heráldicos" (Autor desconhecido, transcrito por Gui Tarcisio Mazzoni em "Heraldica", B. H. 1967)

É fato histórico que "El-Rei tomou por fidalgo da sua casa o descobridor João Gonçalves da Câmara e lhe deu por armas um escudo em campo verde, etc.

No seculo XVIII um dos descendentes, Sebastião Rodrigues Sette Camara, "Cavalleiro Profeço na Ordem de Crifto e Cappitão do Primeiro Regimento de Cavallaria de Milicias da Cidade de Marianna (....) requereu Carta de Brazão de Armas, provando "que os dittos feus Pays e Avõs fãõ peffoas Nobres das famillias de Rodrigues e Camaras deste Reyno (....) " pello que me pedia elle por mercê, que para a memoria de feus Progenitores fe não perder e clarezza de fua antiga Nobreza lhemandafe dar Minha Carta de Brazão de Armas das ditas familias...." Carta e Brazão ou escudo lhe foram outorgados em 7 de setembro de 1.807, pelo Principe Regente D. João. Neste escudo composto estão as armas dos Cãmaras, à direita, com "uma Torre de Prata (...) entre dois lobos rompantes também de ouro", lobos que lembram de imediato o episodio da "camara dos lobos", com o mesmo nome e incluído no roteiro turístico. Termino transcrevendo o doc., trasladado para a escrita moderna e encerrado com a estampa do escudo.

"D. João

por Graça de Deus Príncipe-Regente de Portugal e dos Algarves daquẽm e dalẽm mar em África Senhor de Guiné e da Conquista Navegação e Comércio da Etiõpia, Arãbia, Pẽrsia e da Índia &. Faço saber aos que a esta Minha Carta de Brasão de Armas de Nobreza e Fidalguia virem, que Sebastião Rodrigues Sette e Cãmara (sic), Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo, e Capitão do primeiro Regimento de Cavalaria de Milicias da Cidade de Mariana, me fez petição dizendo que pela sentença de justificação de sua Nobreza

a ela junta, proferida e assinada pelo Meu Desembargador Corregedor do Cível da Corte e Casa da Suplicação, o Doutor Joaquim Gomes Teixeira, subscripta por Joaquim Rebelo de Lima Aragão, que serve nos impedimentos do Proprietário Escrivão do mesmo juízo, se mostrava que ele é filho legítimo do Capitão Antônio Rodrigues Sette, e de sua mulher Dona Maria Joana Gonçalves. Neto paterno de João Rodrigues Sette e de sua mulher Dona Maria Francisca de Jesus e por parte materna de Sebastião Gonçalves da Câmara, e de Patrícia Luiza da Cruz. E que os ditos seus Pais e Avós são pessoas Nobres das famílias de Rodrigues, e Câmaras, deste Reino e como tais se trataram à Lei de Nobreza com muito fausto e grandeza sem que em tempo algum cometessem crime de Lesa Majestade Divina ou Humana; pelo que me pedia ele suplicante por Mercê, que para a memória de seus Progenitores não se perder, e clareza de sua antiga Nobreza lhe mandasse dar Minha Carta de Brasão de Armas das ditas famílias para delas também usar na forma que as trouxeram, e foram concedidas aos ditos seus Progenitores. E vista por Mim a dita sua petição, sentença, e constar de tudo o referido, e que a ele como descendente das mencionadas famílias lhe pertence usar e gozar de suas Armas, segundo o Meu Regimento, e Ordenação da Armaria lhe mandei passar esta Minha Carta, de Brasão delas na forma que aqui vão Brazonadas, Divisadas, e Iluminadas com cores, e metais, segundo se acham Registradas no Livro do Registro das Armas da Nobreza, e Fidalguia destes Meus Reinos, que tem o Meu Rei de Armas Portugal. A saber

Um Escudo partido em pala. Na primeira as Armas dos Rodrigues que são em Campo de ouro cinco flores de liz, fanguinhas postas em fautor, chefe desta cor carregado de uma cruz de ouro florida e vazia do campo. Na segunda pala as Armas dos Câmaras, que são em Campo negro uma Torre de Prata coberta com seu Corucheu que remata em uma cruz de ouro assentada sobre um monte de sua cor entre dois Lobos rompantes também de ouro. Elmo de prata aberto guarnecido de ouro. Paquife dos metais e cores das Armas. Timbre dos Rodrigues que é um Leão de ouro nascente com uma das flores de liz do Escudo na espádua, e por diferença uma brica de prata com um trifólio verde. O qual Escudo e Armas poderão trazer e usar tão-somente o dito Sebastião Rodrigues Sette e Câmara, assim como as trouxeram, e usaram os ditos Nobres, e antigos Fidalgos seus Antepassados em tempo dos Senhores Reis Meus Antecessores, e com elas poderão entrar em Batalhas, Campos Reptos, Escaramuças e exercitar todos os mais atos lícitos da Guerra e da Paz. E assim mesmo poderão trazer em seus Firmais, Anéis, Sinetas, e Divisas, pô-las em suas Casas, Capelas e mais Edifícios, e deixá-las sobre sua própria Sepultura, e finalmente se poderão servir, honrar, gozar e aproveitar delas em tudo e por tudo como à sua Nobreza convém. Com o que Quero, e me Praz que haja ele todas as Honras, Privilégios, Liberdades, Graças, Mercês, Isenções e Franquezas, que têm e devem ter os Fidalgos, e Nobres de antiga Linhagem, e como sempre de tudo usaram e gozaram os ditos seus Antepassados. Pelo que Mando aos Meus, Desembargadores, Corregedores, Provedores, Ouvidores, Juizes e mais serventuários

da justiça de Meus Reinos, e em especial aos Meus Reis de Armas Arautos e Passavantes e a quaisquer outros officiais, e pessoas a quem esta Minha Carta for mostrada e o conhecimento dela pertencer, que em tudo a cumpram e guardem, e façam inteiramente cumprir e guardar como nella se contém, sem dūvida nem embargo algum que a ela seja posto porque assim é Minha Vontade. O Príncipe-Regente Nosso Senhor o mandou por Antônio da Silva Rodrigues, Cavaleiro de Sua Casa Real e seu Rei de Armas de Portugal. Francisco de Paula Campos, Escrivão da Nobreza destes Reinos e suas Conquistas a fez em Lisboa aos sete dias do mês de Setembro do Ano do Nascimento de Nosso Senhor JESUS Cristo, de mil oitocentos e sete.

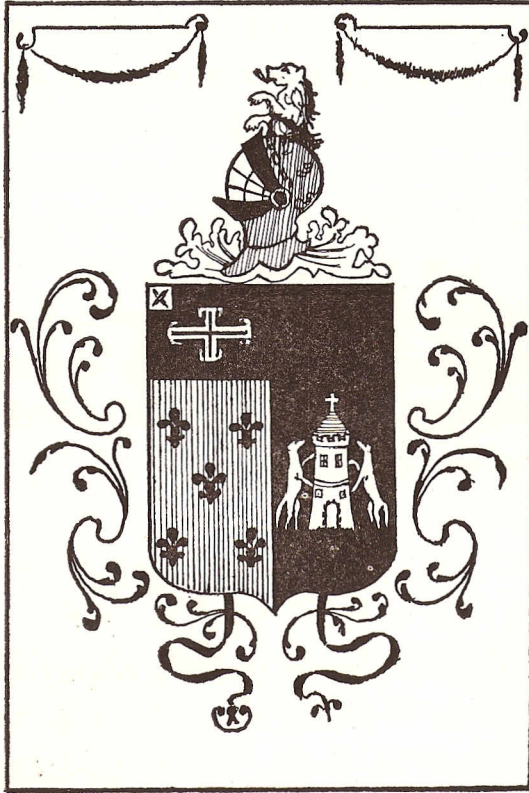
(Manuscrito). Eu, Francisco de Paula Campos a fiz e subcrevi.

Rei de Armas de Portugal.

Segue-se manuscrito, em parte abreviadamente: "Registrado no Livro do Registro dos Brasões de Armas da Nobreza e Fidalguia destes Reinos e Suas Conquistas à folhas 202. Lisboa, 19 de Setembro de 1807. Assinado: Francisco de Paula Campos. Depois do timbre ou sinete real, consta: (manuscrito). Pagou três mil e duzentos de selo. Lisboa, 14 de Setembro de 1807. N...(ilegível) Oliveira.

No verso do documento, manuscrito quase ilegível, assinado por Manoele Joaquim Ribeiro Freire.

Cumpra e Reg. Mariana, 29 de Setembro de 1809. Gondim.



Braço pessoal de Sebastião Rodrigues Sette e Câmara, o primeiro deste nome. Data de 1.807. À esquerda as armas dos Rodrigues. À direita a dos Câmara. Os lobos encostados à torre lembram o histórico episódio da “câmara dos lobos” (1.418).

POST

Mais de 40 anos depois da morte de meu pai, pela leitura de um artigo de jornal do Recife, do jornalista e escritor nosso parente, Mário Rodrigues Sette, é que fiquei sabendo que ele andara trocando correspondência com o pernambucano a propósito dos nossos ancestrais mais remotos, de que há notícia certa, ainda no século XV, em Portugal.

Cidadão duma imaculada probidade, democrata absolutamente autêntico, abolicionista e republicano desde os 14 anos (já o relatei antes), seu interesse, isento de qualquer vaidade pessoal, ou espírito de grandeza, era puramente histórico. E se justificava, dado ser ele detentor, por herança, de documentos de família muito antigos, autênticos e de respeitabilidade muitíssimo acima do comum.

Ora, partindo daquele ponto, não faz muito tempo, por minha vez, entrei eu, filho último e único homem, a pesquisar, com a mesma pureza de ânimo e desinteresse pessoal ou fatuamente familiar. Resultou este trabalho, que não pôde ser mais extenso nem isento de imperfeições, por ser meu. Eu o dedico aos parentes de Minas, S. Paulo, Pernambuco e outras partes destes brazis, parentes que, tão distante, desconheço em quase totalidade.

E muito particularmente aos jovens, que têm manifestado surpreendente interesse por fatos e tradições familiares, e históricos, aos quais estão, aliás, definitivamente ligados.

São João del-Rei, Janeiro de 1976.

Ativo de Lemos Sette Câmara

BIBLIOGRAFIA

Gomes Eanes de Zurara - "Crônica do Descobrimento e conquista da Guiné"

Gaspar Dias Leite - "Descobrimento da Ilha da Madeira e Discurso da vida e feitos dos Capitães da dita Ilha" Manuscrito hoje de propriedade do Dr. Arthur de Oliveira Ramos.

Gaspar Frutuoso - "Livro segundo das saudades da terra". A obra é do último quartel do sec. XVI.

Antonio Cordeiro - "Historia Insulana" (1.717). Livro composto aos 76 anos, pelo famoso jesuita. Invulgar, seu livro é muito apreciado e fundamental para bom conhecimento da história do arquipélago dos Açores, Madeira, etc.

"Prosas históricas. "Do mesmo Zurara (nas. 1410, fal. 1.474.)

João de Barros (nasc.1.497,fal.1562). "Asia".

Fernão Lopes - (nas. em 1.378, salvo engano.) "Quadros da crônica de D. João I" Da "Coleção "Textos literários", direção de Rodrigues Lapa. Itatiaia, 1960.

José Leite de Vasconcelos - "Textos arcaicos "Poesia e prosa arcaicas. Anotações de Serafim da Silva Neto.

Acurso Garcia Ramos - "Ilha da Madeira".

Ferreira de Andrade - Col. turismo, nº 7: "Ilha da Madeira"

BIBLIOGRAFIA

Gomes Eanes de Zurara - "Crônica do Descobrimento e conquista da Guiné"

Gaspar Dias Leite - "Descobrimento da Ilha da Madeira e Discurso da vida e feitos dos Capitães da dita Ilha" Manuscrito hoje de propriedade do Dr. Arthur de Oliveira Ramos.

Gaspar Frutuoso - "Livro segundo das saudades da terra". A obra é do último quartel do sec. XVI.

Antonio Cordeiro - "Historia Insulana" (1.717). Livro composto aos 76 anos, pelo famoso jesuita. Invulgar, seu livro é muito apreciado e fundamental para bom conhecimento da história do arquipélago dos Açores, Madeira, etc.

"Prosas históricas. "Do mesmo Zurara (nas. 1410, fal. 1.474.)

João de Barros (nasc.1.497,fal.1562). "Asia".

Fernão Lopes - (nas. em 1.378, salvo engano.) "Quadros da crônica de D. João I" Da "Coleção "Textos literários", direção de Rodrigues Lapa. Itatiaia, 1960.

José Leite de Vasconcelos - "Textos arcaicos "Poesia e prosa arcaicas. Anotações de Serafim da Silva Neto.

Acurso Garcia Ramos - "Ilha da Madeira".

Ferreira de Andrade - Col. turismo, nº 7: "Ilha da Madeira"

Damião Peres - Prof. da U. de Coimbra. "Historia dos Descobrimentos portugueses".

Eduardo Nunes Pereira - "Ilhas de Zarco". Ed. da Câmara Munic. de Funchal, 1957.

M. Pinheiro Chagas - "História de Portugal".

Luiz de Camões - "Os Lusíadas".

"Ilhas de Zarco", Edição da Câmara Municipal do Funchal, 1957. "Ilhas de Zarco"

Silva Leme. - "Genealogia Paulistana" S. P.

Altivo de Lemos Sette Câmara - "Da caravela de Zarco à redação d'A Patria Mineira". In Revista do Instituto Historico e Geografico de S. João del-Rei, vol. I, 1973.

F. Moraes - "Estudantes Brasileiros na Universidade de Coimbra".

Cesar Cantu - "História Universal"

Pedro Calmon (Pedro Calmon Moniz de Bittencourt). "Historia do Brasil".

Joaquim Ferreira - "História de Portugal" Porto, 1.951.

Oliveira Lima - "Historia da Civilização", 169 edição. Ed. Melhoramentos, S. P.

João Ribeiro - "História do Brasil", 1.966.

Sérgio Buarque de Holanda - "A época colonial". Difusão européia do livro, S. P., 1.968.

"Enciclopédia Brasileira mérito"

Dias Leite - "Dicionario Lello Universal"

Gui Tarcisio Mazzoni - "Heráldica", B. H. 1965.

ADENDO

Já impresso este livrinho, casualmente encontrei o artigo completo de Mário Rodrigues Sette (falecido em 1.950) em jornal do Recife. Sendo referente a antepassados, de Pernambuco, acrescento seguintes trechos: / "Meu prezado confrade Mário Melo(...) se ocupou, outro dia, neste jornal, da origem do meu nome de família, mostrando-se(...) contrário à sua grafia com tt e achando que deve ser Cete e não Sete." "De um livrinho precioso de "notas pessoais" de meu avô paterno que já era brasileiro e pernambucano, Augusto da Câmara Rodrigues Sette, sei que meu bisavô Antônio Bernardo Rodrigues Sette casou-se no dia 19 de outubro de 1.809, na freguezia de Santa Justa, em Portugal, com D. Maria Tereza do Carmo. Assentou ele praça em fevereiro de 1.809, no Regimento que em Lisboa se formou(...) e que saiu de Lisboa a 23 de setembro de 1.810, com sua família, no brigue Bomfim, com destino a Pernambuco" / "Tenho porém uma carta de um senhor Sebastião Rodrigues Sette e Câmara, hoje falecido(...), homem letrado(...) Por um retrato dele verificamos ter muitas semelhanças fisionômicas com meu avô. Nessa carta, de 11.12.1917(...) / Apreciemos apenas a concordância dos informes do missivista quanto à emigração dos três "Sette" (sempre assim grafado), sendo um para Pernambuco, que, como se viu acima, foi meu bisavô. E de fato conheço "Sette" em Minas e S. Paulo, onde vive o Dr. Primitivo da Câmara Rodrigues Sette, Ministro aposentado da Relação. Aqui mesmo em Recife existem vários Sette e todos assim assinam e não "Sete" ou "Cete", etc., etc.